



Julia Quinn

*O que acontece
em Londres*

TRILOGIA BEVELSTOKE 2



ARQUEIRO



*O que acontece
em Londres*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Julia Quinn

*O que acontece
em Londres*

TRILOGIA BEVELSTOKE 2



Título original: *What Happens in London*
Copyright © 2009 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thaís Paiva

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Flávia Midori e Camila Figueiredo

diagramação: Adriana Moreno

capa: Emma Graves / LBBG

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

ilustrações de capa: Yoco / Dutch Uncle

foto da autora: Roberto Filho

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64q

Quinn, Julia, 1970-

O que acontece em Londres [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Thaís Paiva. São Paulo: Arqueiro, 2020.
recurso digital (Bevelstoke; 2)

Tradução de: What happens in London

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0137-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Paiva, Thaís. II. Título. III. Série.

20-62247

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Gloria, Stan, Katie, Rafa e Matt. Para mim, não existe “a família do meu marido”. Só existe a nossa família, ponto.

E também para Paul, mesmo que ele tenha todos os genes dominantes.

Sumário

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e um

Capítulo Vinte e dois

Capítulo Vinte e três

Capítulo Vinte e quatro

Agradecimentos

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro

Prólogo

Aos 12 anos, Harry Valentine tinha dois conhecimentos que o distinguiam dos outros garotos de sua estirpe na Inglaterra do início do século XIX.

Primeiro, ser fluente em russo e francês. Mas não havia muito mistério envolvendo esse talento, pois sua avó, a mui aristocrática e obstinada Olga Petrova Obolenskiy Dell, fora morar com a família Valentine quatro meses após o nascimento de Harry.

Olga abominava a língua inglesa. Em sua opinião (que ela jamais se furtava de oferecer), absolutamente tudo que havia a se dizer no mundo poderia ser dito em russo ou francês.

Agora, por que ela resolvera se casar justo com um inglês, isso ela nunca explicava de maneira satisfatória.

– Imagino que seja porque a explicação deveria ser dada em *inglês* – murmurara a irmã de Harry, Anne, certa vez.

Harry apenas deu de ombros. E riu (como qualquer irmão que se preze) quando o comentário rendeu a Anne um puxão de orelha. *Grand-mère* entendia perfeitamente a língua inglesa, por mais que a desprezasse, e tinha ouvido de tuberculoso. Quando estava por perto, era uma péssima ideia murmurar qualquer coisa – em qualquer idioma. Fazê-lo em inglês já era uma grande tolice. Fazê-lo em inglês e ainda por cima insinuando que a capacidade vernacular do francês ou do russo era insuficiente para exprimir a mensagem

em questão...

Sinceramente, Harry ficou surpreso por Anne não ter apanhado de palmatória.

Mas a menina nutria pelo russo o mesmo desprezo que *grand-mère* reservava ao inglês. Era muito *cansativo*, queixava-se ela, e o francês era quase tão difícil quanto. Anne tinha 5 anos quando *grand-mère* fora morar com eles, seu inglês já arraigado demais para que desse chance a outro idioma.

Harry, por outro lado, não se fazia de rogado e respondia no idioma em que lhe dirigissem a palavra. O inglês se prestava aos assuntos corriqueiros; o francês, à elegância; e o russo logo se tornou próprio para o drama e a emoção. A Rússia era vasta. Fria. E, acima de tudo, *grande*.

Pedro, o Grande. Catarina, a Grande. Harry crescera ouvindo essas histórias.

– Bah! – zombava Olga quando o tutor de Harry tentava ensinar a história da Inglaterra. – Quem é esse tal de Ethelred, o Despreparado? *Despreparado?* Que tipo de país permite que um governante seja despreparado?

– A rainha Elizabeth foi uma grande governante – retorquiu Harry.

Olga não se deixou intimidar:

– E por acaso ela é chamada de Elizabeth, a Grande? Ou a Grande Rainha? Não. Ela é chamada de Rainha Virgem, como se isso fosse motivo de orgulho.

Nesse momento, as orelhas do tutor ficaram muito vermelhas, o que Harry achou bastante curioso.

– Ela *não foi* uma grande rainha – prosseguiu Olga, a voz gélida. – Sequer gerou um herdeiro ao trono de seu país.

– A maioria dos historiadores concorda que ela foi prudente ao evitar o casamento – retrucou o tutor. – Elizabeth precisava dar a impressão de ser uma governante livre de influências e...

Ele não terminou a frase. O que não surpreendeu Harry: *grand-*

mère tinha cravado nele seu olhar mais afiado e aquilino. O menino não conhecia ninguém que fosse capaz de continuar falando incólume depois de ser crivado por aquele olhar.

– Você é um homenzinho estúpido – sentenciou ela, dando-lhe as costas.

Olga o demitiu no dia seguinte, tomando para si a tarefa de educar Harry até que um novo tutor fosse encontrado. Não era bem de sua alçada contratar e demitir os educadores das crianças Valentines, que já eram três (Harry tinha 7 anos quando o pequeno Edward chegou), mas parecia improvável que outra pessoa assumisse a função. A mãe de Harry, Katarina Dell Valentine, nunca a contrariava. Quanto ao pai... bem...

O pai tinha muito a ver com o segundo conhecimento incomum que habitava o cérebro de 12 anos de Harry.

Sir Lionel Valentine era um bêbado.

Não era esse o conhecimento incomum, afinal, todos sabiam que sir Lionel bebia mais do que devia. Não havia como esconder. Ele vacilava e tropeçava (na fala e no caminhar), ria quando ninguém mais ria e, para o terror das duas criadas (e dos dois tapetes do escritório de sir Lionel), tinha um hábito que explicava por que todo aquele álcool não se convertia em gordura corporal.

E foi por isso que Harry virou especialista em limpar vômito.

A primeira vez foi quando ele tinha 10 anos. Harry provavelmente teria deixado a sujeira onde estava se não tivesse resolvido pedir alguns trocados ao pai – e cometeu o erro de fazê-lo já tarde da noite. Depois de tomar seu conhaque vespertino, seu trago da tardinha, seu vinho do jantar e seu Porto de sobremesa, sir Lionel estava de volta à sua bebida favorita, o supracitado conhaque contrabandeado da França. Harry tinha plena certeza de que havia usado frases coerentes (em inglês) ao fazer seu pedido, mas o pai apenas o encarou, piscando várias vezes, como quem não entende o que ouve, até que, de repente, vomitou nos sapatos do filho.

Harry não teve como ignorar a sujeira.

Depois disso, foi como se não tivesse mais volta. O incidente se repetiu passada uma semana (embora, dessa vez, não no pé de Harry) e também no mês seguinte. Fosse qualquer outra criança, ao completar 12 anos já teria perdido a conta da quantidade de vezes que tivera que limpar a sujeira do pai, mas Harry sempre fora um garoto muito analítico. Assim, a partir do momento que começou a contar, foi difícil parar.

A maioria das pessoas teria perdido a conta por volta da sétima vez. Afinal, Harry sabia, graças a seu abrangente conhecimento de lógica e aritmética, que sete é o maior número que as pessoas são capazes de assimilar visualmente. Marque sete pontos num papel e, após uma rápida olhada, a maioria de nós conseguirá afirmar: “Sete.” Acrescente um, porém, e quase todos perderão as contas.

Harry conseguia visualizar até 21.

Portanto, não era de surpreender que, após quinze incidentes, Harry soubesse exatamente quantas vezes havia encontrado o pai tropeçando pelo corredor, desmaiado no chão ou mirando (mal) um penico. Então, por volta dos 20 anos, a questão tomou proporções um tanto acadêmicas e ele sentiu que *precisava* contabilizar.

Afinal, ele tinha que pensar no assunto como uma questão acadêmica. Do contrário, ele correria o risco de se ver chorando antes de dormir em vez de ficar encarando o teto e avaliando: “Quarenta e seis, mas com um raio um pouco menor do que na terça-feira passada. Presumo que não tenha comido muito no jantar.”

Já fazia tempo que a mãe de Harry decidira ignorar a situação por completo, preferindo passar seus dias no jardim cuidando das espécies de rosas exóticas trazidas da Rússia tantos anos antes pela avó dele. Anne também já tinha declarado que planejava se casar e “sair desse inferno” assim que completasse 17 anos. O que, de fato, aconteceu – uma proeza que se devia inteiramente à própria determinação, já que nem o pai nem a mãe mexeram um dedo sequer para lhe arranjar um marido. Quanto a Edward, o

caçula, ele aprendera a se adaptar, tal como Harry. Depois das quatro da tarde, o pai não tinha utilidade alguma, mesmo que parecesse lúcido – e geralmente ele mantinha as aparências, mas só até a hora do jantar, quando a coisa descarrilhava de vez.

A criadagem toda também já sabia. Não que houvesse legiões de criados; os Valentines tinham uma condição financeira bastante boa, com sua casinha jeitosa em Sussex e as 100 libras anuais que ainda recebiam como parte do dote de Katarina, mas não era uma riqueza fenomenal. Por isso, a criadagem dos Valentines se reduzia a oito pessoas: mordomo, cozinheira, governanta, cavalição, dois lacaios, arrumadeira e copeira. Quase todos decidiram permanecer trabalhando para a família mesmo tendo que lidar com os desagradáveis deveres relacionados ao álcool. Sir Lionel podia ser um beberrão, mas não era um beberrão mau. Também não era sovina, de modo que até as criadas se acostumaram a limpar a bagunça dele se isso lhes rendesse uma moeda extra aqui e ali – quando ele se lembrava do ocorrido o suficiente para ficar constrangido.

Assim, Harry não sabia ao certo *por que* continuava a limpar a sujeira do pai, uma vez que outra pessoa poderia fazê-lo. Talvez não quisesse que os empregados se dessem conta da frequência dos episódios; talvez precisasse de um lembrete visceral dos perigos do álcool. Diziam que seu avô paterno fora igualzinho. Será que aquele tipo de coisa corria no sangue da família?

Ele não queria pagar para ver.

Então, muito de repente, *grand-mère* morreu. E não foi o fim pacífico de quem morre dormindo – Olga Petrova Obolenskiy Dell jamais desperdiçaria sua derradeira oportunidade de fazer drama. Estava sentada à mesa do jantar, prestes a mergulhar a colher na sopa, quando levou a mão ao peito, começou a arquejar violentamente e caiu dura. Uma análise posterior constatou que ela ainda tinha algum nível de consciência quando bateu com a testa na mesa. Porque não apenas evitou cair de cara no prato, como

também, sabe-se lá como, deu um jeito de acertar a colher de modo a espirrar um jorro de sopa fumegante sobre sir Lionel, cujos reflexos embotados o impediram de se esquivar a tempo.

Harry não foi testemunha ocular do acontecimento; aos 12 anos, não tinha permissão de jantar com os adultos. Mas Anne presenciou a cena toda e contou tudo ao irmão, detalhe por detalhe, quase sem parar para respirar.

– E aí ele arrancou fora a gravata!

– À mesa?

– À mesa! Deu até para ver a queimadura! Desse tamanho! – Com o polegar e o indicador, Anne indicou que devia medir uns 3 centímetros.

– E a *grand-mère*?

Anne assumiu um ar mais sério. Só um pouco.

– Acho que ela morreu.

Harry engoliu em seco.

– Bem, ela já era muito velha – comentou ele.

– Uns 90 anos, no mínimo.

– Acho que não chegava a 90, não.

– Mas *parecia* – resmungou Anne.

Harry não disse nada. Não sabia direito como era uma mulher de 90 anos, mas era inegável que não conhecia ninguém que tivesse mais rugas do que *grand-mère*.

– Sabe o que foi mais estranho? – prosseguiu Anne, inclinándose para a frente. – A *mamãe*.

– O que ela fez?

– Nada. Nadinha.

– Ela estava sentada perto da *grand-mère*?

– Não, não é disso que estou falando. Ela estava do outro lado da mesa, e na diagonal, longe demais para poder ajudar.

– Então...

– Ela só ficou lá sentada – interrompeu Anne. – Nem se mexeu. Não fez a menor menção de se levantar.

Harry ponderou. Triste dizer, mas aquilo não o surpreendia.

– A expressão dela nem se alterou. Ela ficou lá sentada, *assim*.

Anne assumiu uma expressão vazia inconfundível, e Harry teve que admitir que era idêntica à da mãe.

– Vou lhe dizer uma coisa – prosseguiu Anne. – Se ela caísse de cara na sopa na minha frente, eu ficaria no mínimo *muito* surpresa. – Ela balançou a cabeça. – São inacreditáveis, esses dois. Papai só faz beber e mamãe não faz é nada. Olha, mal posso esperar pelo meu aniversário. Não me interessa se deveríamos estar de luto. Eu *vou* me casar com William Forbush e não há nada que eles possam fazer para me impedir.

– Acho que você não tem com o que se preocupar – disse Harry. – Mamãe provavelmente não vai manifestar qualquer opinião sobre o assunto e papai vai estar bêbado demais para perceber.

Anne contraiu os lábios, formando uma careta triste.

– Humpf. Você tem razão. – Em seguida, numa demonstração nada comum de afeto fraternal, afagou o ombro dele. – Não se preocupe. Em breve você também vai embora.

Harry aquiesceu. Em poucas semanas, ele partiria para o colégio interno.

E, embora sentisse um pouco de culpa por ir embora e deixar Anne e Edward para trás, a sensação foi totalmente suprimida pelo alívio esmagador que tomou conta dele ao partir.

Foi um momento muito bom. Com todo o respeito a *grand-mère* e seus monarcas favoritos, ir embora foi um *grande* momento.



A vida como estudante se revelou tão satisfatória quanto Harry esperava. Ele frequentava o Hesslewhite, um colégio interno razoavelmente rigoroso para meninos cujas famílias não tinham influência (ou, no caso de Harry, interesse) suficiente para mandá-los para Eton ou Harrow.

Ele adorava a escola. *Adorava*. Adorava as aulas, adorava os esportes e adorava ir dormir sem ter que fazer a ronda na casa em busca do pai, torcendo para que ele tivesse desmaiado a tempo de não se vomitar todo. Na escola, Harry ia do salão de convivência direto para o dormitório, e adorava cada passo daquele tranquilo caminho.

Como todas as coisas boas têm fim, aos 19 anos Harry se formou com sua classe, da qual fazia parte Sebastian Grey, seu primo e melhor amigo. Houve uma cerimônia, já que esse é o tipo de ocasião que as pessoas gostam de celebrar, mas Harry se “esqueceu” de avisar à família.

– Onde está sua mãe? – perguntou tia Anna.

Assim como a mãe de Harry, tia Anna não carregava nenhum sotaque, apesar da insistência de Olga em se dirigir às filhas apenas em russo desde que eram criancinhas. Anna se saíra melhor do que a irmã ao se casar com o segundo filho de um conde, mas isso não causou nenhuma rixa entre as duas. Afinal, sir Lionel era um baronete, o que significava que, apesar de tudo, Katarina é que mantinha o título de “Sua Graça”. Por outro lado, Anna tinha a influência e o dinheiro e, talvez o mais importante, um marido que quase nunca se permitia tomar mais do que uma taça de vinho no jantar – isto é, até a morte dele, dois anos antes.

Assim, quando Harry murmurou uma desculpa qualquer, alegando que a mãe se sentia um pouco cansada, Anna entendeu no mesmo instante: se a mãe dele comparecesse, o pai também estaria presente. E, depois do espetáculo trôpego que sir Lionel dera em 1807, durante a cerimônia de convocação do Hesslewhite, Harry relutava muito em convidá-lo para qualquer outro evento escolar.

Sir Lionel tendia a falar engrolado quando bebia, e Harry não sabia se seria capaz de sobreviver a outro discurso sobre a “escola esblêndida, zimblesmente esblêndida”, ainda mais se, como na primeira ocasião, fosse proferido pelo pai em cima de uma cadeira.

E durante aquele que deveria ser um minuto de silêncio.

Harry tentara tirar o pai de lá, e teria conseguido se a mãe, do outro lado de sir Lionel, houvesse ajudado na empreitada. Mas ela só ficou olhando para a frente, como sempre fazia nesses momentos, fingindo que nada estava acontecendo. Então restou a Harry dar um puxão no pai, que perdeu o equilíbrio e caiu, com um grito e um estrondo, batendo com a bochecha no espaldar da cadeira da frente.

O episódio poderia ter deixado qualquer um possesso, mas não sir Lionel. Ele apenas deu um sorriso estúpido, chamou Harry de “rabaz esblêndido” e cuspiu um dente.

Harry ainda guardava aquele dente. E nunca mais permitira que o pai pusesse os pés no colégio. Mesmo que, com isso, fosse o único garoto sem os pais na cerimônia de formatura.

Depois, a tia fez questão de levá-lo em casa, para gratidão de Harry. Ele não gostava de receber convidados, mas tia Anna e Sebastian já sabiam tudo o que havia para saber sobre sir Lionel. Quer dizer, quase tudo: Harry os privara da informação referente às 126 vezes em que ele tivera que limpar a sujeira do pai. Também omitira a recente perda do precioso samovar de *grand-mère*, que acontecera quando sir Lionel tropeçara em uma cadeira, dera um salto curiosamente gracioso no ar (talvez numa tentativa de recobrar o equilíbrio) e caíra de barriga no aparador.

Três pratos de ovos e uma travessa de bacon também se perderam naquela manhã.

Os cães, por outro lado, nunca comeram tão bem na vida.

O Hesslewhite fora escolhido por ser próximo da propriedade da família, de modo que, após meros noventa minutos de carruagem, eles saíram da estrada e pegaram a alameda que levava à casa.

– As árvores estão bem frondosas este ano – observou tia Anna.
– Imagino que as rosas de sua mãe estejam vingando bem.

Harry assentiu distraidamente, tentando calcular as horas. Ainda era fim de tarde ou já era noite? Se a hora estivesse avançada,

seria obrigado a convidá-los para ficar para o jantar. Não havia como fugir de convidá-los a entrar – tia Anna decerto gostaria de ver a irmã –, mas, se ainda fosse cedo, os convidados esperariam apenas um chá, o que significava que poderiam entrar e sair sem nem avistar sir Lionel.

No jantar, aí seriam outros quinhentos. Sir Lionel insistia em sempre se vestir formalmente para a ocasião, o que, segundo ele, era a marca de um cavalheiro. E, por menor que fosse a reunião (99 por cento das vezes, eram apenas sir Lionel, lady Valentine e os filhos que estivessem em casa), ele fazia questão de bancar o anfitrião. O que geralmente significava muitas histórias e tiradas jocosas, só que sir Lionel tendia a esquecer o que acontecia do meio para o fim e suas tiradas estavam mais para sofríveis.

O que, por sua vez, implicava um silêncio doloroso por parte dos demais, que passavam boa parte do jantar fingindo não notar que ele derrubara a molheira ou que sua taça de vinho fora enchida uma segunda vez.

E uma terceira.

E uma quarta.

E, é claro, uma quinta vez.

Ninguém nunca pedia que ele parasse. De que adiantaria? Sir Lionel sabia que bebia demais. E de uma coisa Harry já perdera a conta: quantas vezes o pai se virara para ele, soluçando, e dissera: “Eu zindo muito, zindo muito mesmo. Não guero zer um vardo. Vozê é um bom garodo, Harry.”

Mas de nada adiantava. Qualquer que fosse a motivação de sir Lionel para beber, era muito mais poderosa que qualquer culpa ou arrependimento de onde pudesse tirar forças para parar. Sir Lionel tinha perfeita noção do tamanho de seus problemas. Mas era completamente impotente diante deles.

Assim como Harry, cuja única opção seria amarrar o pai na cama – o que ele não estava disposto a fazer. Portanto, restava não convidar os amigos para visitá-lo, evitar jantar em casa e, agora que

a escola tinha terminado, contar os dias para ir para a universidade.

Antes disso, porém, ele precisava sobreviver ao verão. Assim que a carruagem parou na frente da casa, Harry desceu e estendeu a mão para ajudar a tia. Sebastian saiu em seguida e, juntos, os três foram para a sala de visitas, onde Katarina estava absorta em seu bordado.

– Anna! – exclamou ela, e fez menção de se levantar (só menção mesmo). – Que surpresa agradável!

Anna foi abraçá-la e depois se sentou de frente para a irmã.

– Achei que seria bom dar uma carona ao Harry na volta da escola.

– Ah, então acabou o semestre? – murmurou Katarina.

Harry deu um sorriso tenso. Ele tinha sua cota de culpa pela ignorância dela, precisava admitir, já que não dissera nada sobre estar prestes a se formar. Por outro lado, não era um dever de mãe ficar a par desses detalhes?

– Olá, Sebastian – disse Katarina, virando-se para o sobrinho. – Você cresceu.

– Acontece – brincou Sebastian, exibindo seu sorriso torto de sempre.

– Misericórdia – disse ela, sorrindo. – Logo, logo você será um perigo para as jovens.

Harry se segurou para não revirar os olhos. Sebastian já tinha conquistado quase todas as meninas da vila perto de Hesslewhite. O primo devia exalar alguma espécie de almíscar, porque as fêmeas viviam aos pés dele.

Seria revoltante, não fosse pelo fato de que era impossível *todas* as moças dançarem com Sebastian. E Harry ficava mais do que feliz em ser o rapaz mais próximo assim que a decepção delas passava.

– Não haverá tempo para isso – atalhou Anna. – Adquiri uma patente para Sebastian. Ele parte em um mês.

– Vai entrar para o Exército? – Katarina se virou para o sobrinho, surpresa. – Que maravilhoso.

Sebastian deu de ombros.

– Mãe, a senhora já sabia disso – comentou Harry.

O futuro de Sebastian havia sido decidido vários meses antes. Desde que o marido morrera, Anna andava preocupada com a falta de referências masculinas na vida do filho. E, como era improvável que Sebastian herdasse título ou fortuna, subentendia-se que deveria forjar seu próprio caminho no mundo.

Ninguém, nem mesmo Anna, que não via defeitos no rapaz, chegou a *sugerir* que ele considerasse o clero.

Sebastian não estava muito animado com a perspectiva de passar uma década lutando contra Napoleão, mas, como ele mesmo dissera a Harry, o que mais poderia fazer? Seu tio, o conde de Newbury, o detestava, e já deixara claro que Sebastian não deveria esperar qualquer ajuda dele – nem financeira nem de outra natureza.

– Quem sabe ele não morre? – sugeriu Harry, com todo o tato de um garoto de 19 anos.

Pelo menos Sebastian não se ofendia fácil, ainda mais com relação ao tio. Ou do único filho do tio, que herdaria Newbury.

– Meu primo é ainda pior – respondeu Sebastian. – Ele tentou me humilhar em Londres, me ignorou quando nos encontramos em um evento da alta sociedade.

Chocado, Harry sentiu as sobrancelhas se erguerem. Uma coisa era abominar um membro da família; outra completamente diferente era tentar humilhá-lo em público.

– O que você fez? – perguntou Harry.

Sebastian abriu um sorriso lento.

– Seduzi a garota com quem ele queria se casar.

Harry encarou o primo de um jeito que transmitia toda a sua incredulidade.

– Ah, está bem, não foi exatamente isso – cedeu Sebastian. – Mas seduzi a garota em quem ele estava de olho no pub.

– E a garota com quem ele queria se casar?

– Bem, agora ela não quer mais se casar com ele! – Sebastian riu.

– Céus, Seb, o que você fez?

– Ah, nada grave. Até eu sei que não convém se engrajar com a filha de um conde. Eu só... despertei o interesse dela, só isso.

Contudo, como sua mãe havia observado, Sebastian não teria muitas oportunidades de envolvimento amoroso dali para a frente, não com a vida militar esperando por ele. Harry tentava não pensar na partida do primo. Seb, afinal, era a única pessoa no mundo em quem ele confiava totalmente.

A única que nunca o decepcionara.

Na verdade, fazia todo o sentido. Sebastian não era burro – muito pelo contrário –, mas não era afeito à vida acadêmica. Decerto se sairia muito melhor no Exército. Ainda assim, sentado ali, na desconfortável poltrona da sala de visitas pequena demais para ele, Harry não pôde deixar de sentir um pouco de pena de si mesmo. Nem de ser egoísta. Preferia que Sebastian fosse para a universidade com ele, mesmo que essa não fosse a melhor escolha para o primo.

– Qual será a cor do seu uniforme? – perguntou Katarina.

– Azul-escuro, eu acho – respondeu Sebastian, educadamente.

– Ah, você ficará belíssimo de azul. Não acha, Anna?

Anna assentiu.

– Você também ficaria, Harry – acrescentou Katarina. – Talvez devêssemos providenciar uma patente para você também.

Atônito, Harry ficou mudo. Nunca o Exército fora considerado uma possibilidade para seu futuro. Ele era o primogênito e herdaria a propriedade, o baronato e todo o dinheiro que o pai não torrasse em bebida antes de morrer.

Era melhor que não fizesse nada que o pusesse em perigo.

Além disso, era um dos poucos alunos de Hesslewhite que realmente *gostavam* de estudar. Os garotos o apelidaram de “professor”, e Harry não se incomodava nem um pouco. O que a

mãe dele estava dizendo? Parecia até que não o conhecia! Estava mesmo sugerindo que entrasse para o Exército para poder vestir uma roupa da *moda*?

– Ah, não. Harry jamais poderia ser soldado – comentou Sebastian, maliciosamente. – Ele não consegue acertar um alvo nem à queima-roupa.

– Que absurdo – retrucou Harry. – Posso não ser tão bom quanto *ele* – e indicou o primo com a cabeça –, mas sou melhor que todo o resto.

– Então você é bom de mira, Sebastian? – perguntou Katarina.

– O melhor.

– Também é a modéstia em pessoa – resmungou Harry.

Mas era verdade. Sebastian era um exímio atirador e o Exército se beneficiaria muito com seu alistamento, se ao menos conseguissem impedi-lo de seduzir Portugal inteiro.

Quer dizer, metade de Portugal. A metade feminina.

– Então por que não pega uma patente também? – insistiu Katarina.

Harry se virou para ela, tentando decifrar a expressão da mãe. Ou melhor, tentando decifrar *a mãe*. Katarina era sempre tão vaga que dava nos nervos, como se o passar dos anos aos poucos tivesse apagado tudo que formara sua personalidade, tudo que lhe dera *sentimentos*. Não tinha opiniões, só deixava o mundo girar à sua volta, entregue à inércia, aparentando completo desinteresse por tudo.

– Acho que você se daria bem no Exército – disse ela calmamente.

E ele pensou: ela já havia feito algum comentário nesse sentido antes? Já dera alguma opinião sobre o futuro dele, sobre seu bem-estar?

Será que estivera apenas esperando a hora certa?

Ela sorria como de costume: um sorriso acompanhado de um pequeno suspiro, como se o esforço fosse quase excessivo.

– Você ficaria esplêndido de azul. – E se voltou para Anna. – Não acha?

Harry abriu a boca para dizer... bem, para dizer alguma coisa. Assim que descobrisse o quê. Ele não pretendia ingressar no Exército. Iria para a universidade. Tinha conseguido uma vaga na Pembroke College, em Oxford. Vinha pensando em estudar russo. Desde a morte de *grand-mère*, quase não praticava o idioma. A mãe falava russo, mas eles mal terminavam uma conversa em inglês, que diria em russo.

Puxa vida, que saudade Harry sentia de *grand-mère*! Ela nem sempre agia da forma mais correta e nem sempre era agradável, mas era divertida. E o amava.

O que a avó haveria de querer que ele fizesse? Harry não sabia. Se fosse para passar os dias imerso em literatura russa, ela decerto aprovaria que Harry fosse para a universidade. Mas também respeitava muito os militares e zombava abertamente do pai de Harry por nunca ter servido ao país.

Claro, zombava abertamente do pai de Harry por vários motivos.

– Você deveria considerar a ideia, Harry – declarou Anna. – Tenho certeza de que Sebastian iria gostar de ter sua companhia.

Harry lançou um olhar desesperado para o primo. Sebastian com certeza entenderia o sofrimento que a ideia lhe causava. Onde as duas estavam com a cabeça? Esperavam que ele tomasse uma decisão importante como aquela no meio do *chá*? Que pensasse no assunto enquanto dava uma mordida no biscoito e então decidisse que, sim, azul-marinho era *mesmo* uma cor perfeita para um uniforme?

Mas Sebastian só deu de ombros muito discretamente, daquele seu jeito levantando um ombro só, como quem diz: *Fazer o quê? As pessoas falam cada coisa...*

A mãe de Harry levou a xícara de chá aos lábios, mas, se chegou a beber, não foi possível saber. Então a pousou de volta no pires e fechou os olhos.

Foi um mero piscar, ligeiramente mais longo que uma piscadela normal, mas Harry já sabia o que significava. Katarina tinha ouvido passos. Dele. Ela era sempre a primeira a ouvi-lo. Talvez fosse em função dos anos morando sob o mesmo teto, quiçá no mesmo mundo. Sua capacidade de fingir que a vida era muito diferente da que de fato vivia se desenvolvera junto com a habilidade de antever o paradeiro do marido em todos os momentos possíveis.

Era muito mais fácil ignorar o que se mantinha fora de vista.

– Anna! – exclamou sir Lionel, surgindo à porta e logo se recostando no batente. – E Sebastian. Que ótima surpresa. Como vai, meu garoto?

– Vou bem, senhor.

Harry observou o pai entrar na sala. Não dava para saber ao certo o nível de embriaguez em que se encontrava. Seus passos não vacilaram, mas Harry não gostou nada de ver o jeito como os braços dele balançavam.

– Que bom ver você, Harry – disse sir Lionel, tocando brevemente o ombro do filho antes de seguir para o aparador. – Então quer dizer que vocês já terminaram a escola?

– Sim, senhor – respondeu Harry.

Sir Lionel encheu um copo (Harry estava longe demais para ver qual bebida era), virou-se para o sobrinho com um sorriso frouxo e perguntou:

– Você está com quantos anos mesmo, Sebastian?

– Dezenove, senhor.

Igual a Harry. Só tinham um mês de diferença.

– E você está servindo chá, Kat? – perguntou sir Lionel à esposa. – Que ideia! Ele já é um homem.

– Pai, chá é uma bebida mais que adequada – interrompeu Harry.

Sir Lionel se virou para o filho com uma expressão surpresa, quase como se tivesse esquecido sua presença.

– Harry, meu garoto. Que bom ver você.

Os lábios de Harry se contraíram, e depois ele disse:

– É bom ver o senhor também, pai.

Sir Lionel tomou um longo gole da bebida.

– Então acabou o período, certo?

Harry aquiesceu e respondeu com seu costumeiro “Sim, senhor”.

Sir Lionel franziu o cenho e tomou mais um gole.

– Você se formou, não foi? Recebi um aviso da Pembroke College sobre sua matrícula. – Franziu o cenho de novo, depois piscou algumas vezes e deu de ombros. – Não sabia que você tinha se inscrito. – E, como se só então lhe ocorresse, completou: – Muito bem.

– Eu não vou.

As palavras de Harry se atropelaram boca afora, surpreendendo-o. O que estava dizendo? Claro que ia para Pembroke. Era o que ele queria. O que sempre quisera. Gostava de estudar. Gostava de livros. Gostava de números. Gostava de se enfiar na biblioteca mesmo em dias de sol, mesmo com Sebastian tentando arrastá-lo para uma partida de rúgbi.

(Era uma batalha, contudo, que Sebastian sempre ganhava. Os dias de sol eram tão raros no sul da Inglaterra que era imprescindível sair e aproveitar quando surgiam. Sem falar que o primo era, acima de tudo, persuasivo como o diabo.)

Não havia em toda a Inglaterra um rapaz mais adequado à vida acadêmica. Contudo...

– Vou entrar para o Exército.

As palavras brotaram de novo, sem o menor sinal de autocontrole. Harry se perguntou o que estava dizendo. *Por que* estava dizendo.

– Com Sebastian? – indagou tia Anna.

Harry assentiu

– Alguém precisa cuidar para que ele não seja morto – respondeu ele.

Sebastian lançou um olhar torto para o primo, mas era claro que

estava feliz demais com a reviravolta para responder ao insulto. Sempre tivera dúvidas sobre seu futuro nas Forças Armadas; Harry sabia que, apesar de toda a bravata, ele ficaria aliviado se pudesse estar junto com o primo.

– Você não pode ir à guerra – refutou sir Lionel. – Você é meu herdeiro.

Todos os presentes (sendo os quatro seus parentes) se viraram para o baronete, demonstrando graus variados de surpresa. Era bem possível que aquela tivesse sido a única coisa sensata que saíra da boca dele em anos.

– O senhor ainda tem Edward – retrucou Harry, sem rodeios.

Sir Lionel bebeu, piscou e deu de ombros.

– Bem, é verdade.

Harry já esperava que ele fosse dizer algo assim, mas isso não o impediu de sentir um nó de decepção na garganta. E de ressentimento.

E de mágoa também.

– Um brinde a Harry! – bradou sir Lionel em tom jovial, erguendo o copo. Nem pareceu notar que ninguém o acompanhava no brinde.

– Vá com Deus, meu filho. – Levou o copo aos lábios e o virou, e foi só então que percebeu que estava vazio. – Ora, diabos – murmurou.

– Que vergonha.

Harry se afundou na cadeira. Sentia uma comichão nos pés, como se estivessem ansiosos para se mexer. Para correr.

Reabastecendo-se com prazer, sir Lionel perguntou:

– Quando vocês vão?

Harry olhou para Sebastian, que respondeu no ato:

– Devo me apresentar na próxima semana.

– O mesmo vale para mim – informou Harry ao pai. – Precisarei do dinheiro para adquirir a patente, é claro.

– É claro – concordou sir Lionel, respondendo instintivamente ao tom autoritário na voz de Harry. – Bem.

Sir Lionel fitou os próprios pés, depois olhou para a esposa, que

tinha o olhar perdido na janela.

– É mesmo um prazer ver vocês.

Ele deixou o copo na mesa de forma abrupta e andou lentamente até a porta, cambaleando apenas uma vez.

Harry o observou partir, sentindo-se estranhamente distanciado da cena. Não que nunca tivesse imaginado isso, é claro. Não o alistamento no Exército, mas a partida. Sempre supusera que iria para a universidade, colocando as malas na carruagem da família e pronto. Mas sua imaginação se entregara a incontáveis saídas dramáticas – desde gestos alucinados até olhares gélidos. As preferidas incluíam garrafas lançadas contra a parede. As mais caras. As contrabandeadas da França.

Seu pai ainda apoiaria os malditos franceses comprando bebidas ilegalmente enquanto o filho os enfrentava no campo de batalha?

Harry encarou o espaço vazio onde o pai estivera. Não importava mais, não é mesmo? Seu tempo ali acabara.

Chega. Estava farto daquele lugar, daquela família, de todas aquelas noites guiando o pai para a cama, tendo o cuidado de deitá-lo de lado para que, caso voltasse a vomitar, não se engasgasse.

Chega.

Acabou.

O problema era que se sentia tão vazio, tão amuado... Sua partida fora marcada por... nada.

E ele levaria anos para perceber que tinha sido enganado.

Capítulo um

— **D**izem que ele matou a noiva.

Foi o suficiente para fazer lady Olivia Bevelstoke parar de mexer o chá.

— Quem? — perguntou ela, pois, na verdade, não vinha prestando a menor atenção na conversa.

— Sir Harry Valentine. Seu novo vizinho.

Olivia olhou séria para Anne Buxton, depois para Mary Cadogan, que assentia, concordando com a amiga.

— Você só pode estar de brincadeira — rebateu ela, embora soubesse muito bem que Anne jamais zombaria dos rumores.

Fofoca era mais importante do que oxigênio para ela.

— Não, ele é mesmo seu novo vizinho — acrescentou Philomena Waincliff.

Olivia bebeu um golinho de chá, só para ter tempo de manter o semblante neutro em vez de deixá-lo à vontade para transparecer um misto de exasperação e incredulidade.

— Eu me referia à parte sobre o assassinato — disse ela, com mais paciência do que as pessoas costumavam esperar dela.

— Ah. — Philomena pegou um biscoito. — Desculpe.

— Eu *sei* que me contaram que ele matou a noiva — insistiu Anne.

— Se tivesse matado alguém, estaria preso — observou Olivia.

— Não se não conseguissem provar.

Olivia sentiu o olhar se arrastar um pouco para a esquerda, onde, atrás de uma grossa parede de pedra, havia 3 metros de ar fresco de primavera até outra parede grossa, desta vez de tijolos, a da casa recém-alugada de sir Harry Valentine, logo em frente.

As outras três moças seguiram a direção de seu olhar, o que fez Olivia se sentir bastante tola, pois todas encaravam um ponto vazio na parede da sala de visitas.

– Ele não matou ninguém – afirmou ela.

– Como pode saber? – perguntou Anne, e Mary concordou.

– Eu sei e pronto – insistiu Olivia. – Se ele tivesse matado alguém, não estaria morando aqui em Mayfair, na casa em frente à minha.

– Não se não conseguissem provar – repetiu Anne, e Mary concordou.

Philomena comeu outro biscoito.

Olivia se esforçou para curvar ligeiramente os lábios. Torcia para que tivesse conseguido curvá-los para cima, porque uma careta não era aceitável. Eram quatro da tarde. As outras moças tinham chegado cerca de uma hora antes para jogar conversa fora, fofocar (é claro) e discutir as vestimentas que usariam nos três eventos sociais seguintes. Os encontros aconteciam uma vez por semana, em média, e Olivia apreciava a companhia delas, mesmo que lhes faltasse a envergadura de sua melhor amiga, Miranda – Cheever quando solteira, agora Bevelstoke.

Sim, Miranda havia se casado com o irmão de Olivia. O que era bom. Maravilhoso, até. Tinham sido amigas desde o nascimento e agora seriam irmãs até a morte. Isso também significava que, como não era mais uma dama solteira, Miranda não era mais obrigada a fazer coisas de dama solteira.

Coisas de dama solteira
por lady Olivia Bevelstoke, dama solteira

Vestir tons pastel (e dar-se por satisfeita caso tenha um tom de pele que orne bem com tais cores).

Sorrir e guardar para si todas as opiniões (com o maior grau de sucesso possível).

Fazer tudo o que os pais mandarem.

Aceitar as consequências de desobedecer a este último preceito.

Encontrar um marido que não se dê ao trabalho de mandar na vida da esposa.

Era bem comum Olivia ficar formulando essas epígrafes peculiares na cabeça. O que explicava ela ser flagrada distraída com tanta frequência.

E também explicava o porquê de acabar dizendo coisas impróprias. Embora, justiça fosse feita, já fizesse dois anos desde que chamara sir Robert Kent de mustelídeo balofo e, sinceramente, a alcunha fosse muito mais generosa do que as que ela nunca ousara pronunciar.

Deixando de lado as digressões, Miranda agora se prestava às coisas de dama casada, as quais Olivia teria o maior prazer em listar não fosse o fato de que ninguém (nem mesmo Miranda, pelo que Olivia ainda não a perdoara) lhe contava o que as damas casadas faziam, além de não serem obrigadas a usar apenas tons pastel, de poderem sair por aí sem acompanhante e de produzirem pequenos seres humanos a intervalos regulares.

Olivia tinha bastante certeza de que havia muito mais a descobrir sobre o último item, pois, toda vez que perguntava a respeito, sua mãe saía correndo do recinto.

Voltemos a Miranda. A amiga tinha, de fato, produzido um pequeno ser humano – Caroline, a amada sobrinha por quem Olivia seria capaz de dar a própria vida, literal ou figurativamente – e estava prestes a produzir outro, motivo pelo qual permanecia indisponível para jogar conversa fora à tarde. E Olivia adorava jogar conversa fora – e falar sobre moda e fofocar –, por isso passava

cada vez mais tempo com Anne, Mary e Philomena. E, embora fossem quase sempre divertidas – e nunca cruéis –, elas eram, com certa frequência, muito tolas.

Como naquele exato momento.

– Quem são essas pessoas, afinal? – perguntou Olivia.

– Que pessoas? – indagou Anne.

– As pessoas que dizem que meu novo vizinho matou a noiva.

Anne hesitou.

– Você se lembra, Mary?

– Para falar a verdade, não. Sarah Forsythe, talvez?

– Não – acrescentou Philomena, balançando a cabeça com convicção. – Não foi Sarah. Ela acabou de voltar de Bath, não tem nem dois dias. Libby Lockwood?

– Não foi Libby – disse Anne. – Eu me lembraria se tivesse sido Libby.

– É disso que estou falando – insistiu Olivia. – Você nem sabe quem comentou isso. Nenhuma de nós sabe.

– Bem, eu não estou inventando – falou Anne, um pouco na defensiva.

– Não foi isso que eu disse. Jamais pensaria uma coisa dessas de você.

Era verdade. Anne passava adiante quase tudo o que era dito em sua presença, mas nunca inventava nada. Olivia parou um instante para ordenar os pensamentos.

– Você não acha que esse é o tipo de rumor que deveria ser prontamente investigado? – Ao receber três semblantes inexpressivos como resposta, Olivia resolveu mudar de tática: – Acima de tudo, por nossa própria segurança. Se houver a mínima chance de algo assim ser verdade...

– Você acha que é? – interrompeu Anne, em um tom um tanto triunfante.

– Não. – Deus do céu... – Não acho. Mas se fosse verdade, não seria de bom tom termos qualquer tipo de relação com ele.

Seguiu-se um longo silêncio, que Philomena, enfim, rompeu ao dizer:

– Minha mãe já me avisou para evitá-lo.

– E é por isso – prosseguiu Olivia, com a sensação de estar avançando através de um lamaçal – que deveríamos investigar se esses rumores procedem. Porque se *não* procederem...

– Ele é muito bonito – interferiu Mary, e insistiu: – Ora, é verdade.

Atônita, Olivia tentava acompanhar o raciocínio.

– Eu nunca o vi – declarou Philomena.

– Ele só usa preto – comentou Mary, confiante.

– Eu já o vi de azul-marinho – contradisse Anne.

– Ele só usa cores escuras – consertou Mary, lançando um olhar exasperado para a amiga.

– E aqueles olhos... Poderiam incendiar alguém...

– São de que cor? – perguntou Olivia, imaginando muitos tons interessantes de vermelho, amarelo, laranja...

– Azul.

– Cinza – falou Anne.

– Azul-acinzentado. E são muito penetrantes.

Anne aquiesceu, sem ter mais o que corrigir.

– E o cabelo? Qual é a cor? – indagou Olivia, certa de que elas teriam ignorado esse detalhe.

– Castanho-escuro – responderam as duas, em uníssono.

– Tão escuro quanto o meu? – indagou Philomena, acariciando as madeixas.

– Mais, até – disse Mary.

– Não chega a preto – acrescentou Anne. – Não, não chega.

– E ele é alto – prosseguiu Mary.

– Os homens sempre são altos – murmurou Olivia.

– Mas não alto demais – continuou Mary. – Não gosto de homem espichado.

– Bem, você já deve tê-lo visto pessoalmente – disse Anne a

Olivia –, já que mora logo ali.

– Acho que não – comentou Olivia. – Ele se mudou no começo do mês, e eu passei a semana seguinte fora, na casa dos Macclesfields.

– Quando voltou a Londres? – perguntou Anne.

– Faz seis dias – respondeu Olivia, retomando o assunto: – Eu nem sabia que havia um cavalheiro solteiro nos arredores.

Notou, tarde demais, que seu comentário deixava transparecer que, se houvesse sabido, teria tentado descobrir mais sobre o cavalheiro em questão.

O que era mesmo verdade, mas ela não ia admitir isso.

– Sabem o que eu ouvi dizer? – indagou Philomena, de repente.

– Que ele *acabou* com a raça de Julian Prentice.

– O quê? – exclamaram todas as outras.

– E você só conta isso agora? – acrescentou Anne, incrédula.

Philomena descartou a exigência da amiga.

– Foi meu irmão quem me contou. Ele e Julian são muito amigos.

– O que aconteceu? – quis saber Mary.

– Isso eu não consegui entender muito bem – admitiu Philomena. – Robert foi um tanto vago.

– Os homens *nunca* se lembram dos detalhes importantes – comentou Olivia, pensando em seu irmão gêmeo, Winston, que era inútil em matéria de fofoca. Completamente inútil.

Philomena concordou, prosseguindo:

– Robert chegou em casa num estado deplorável. Estava bem... hã, alterado.

Todas entendiam bem. Todas tinham irmãos.

– Mal conseguia ficar de pé – continuou Philomena. – E fedia como um bode. – Ela abanou a mão diante do nariz. – Tive que ajudá-lo a passar pela sala de visitas sem que mamãe o visse.

– Então ele está em dívida com você – declarou Olivia, sempre astuta.

– Aparentemente eles estavam juntos, fazendo sabe-se lá o que os homens fazem, e Julian ficou um pouco... hã...

– Embriagado? – sugeriu Anne.

– O que não é nada raro – acrescentou Olivia.

– De fato. E faz sentido, considerando o estado em que ele chegou em casa. – Philomena fez uma pausa e franziu o cenho como se estivesse pensando em algo, mas a impressão se dissipou com a mesma rapidez com que surgira. – Ele falou que Julian não fizera nada, mas ainda assim sir Harry lhe deu uma surra de arrancar partes do corpo.

– Com sangue e tudo? – questionou Olivia,

– Olivia! – repreendeu Mary.

– É uma pergunta pertinente.

– Não sei se teve sangue – respondeu Philomena, com certa agressividade.

– Presumo que sim – ponderou Olivia. – Considerando o comentário sobre arrancar partes do corpo.

*Partes do corpo que eu menos me importaria em
perder, em ordem decrescente*

por Olivia Bevelstoke

(no momento com todos os membros intactos)

Não, melhor deixar essa para lá. Ela se reconfortou remexendo os dedos do pé dentro da sapatilha.

– Ele ficou com um olho roxo – prosseguiu Philomena.

– Sir Harry? – perguntou Anne.

– Julian Prentice. Talvez sir Harry também, mas eu não sei. Nunca nem o vi.

– Eu o vi faz dois dias – informou Mary. – Ele não estava de olho roxo.

– Mas parecia ao menos um pouco machucado?

– Não. Lindo como sempre. Só que estava todo de preto. É muito curioso.

– Todo de preto? – insistiu Olivia.

– Quase todo. Camisa e lenço brancos. Ainda assim... – Mary gesticulou no ar, como quem se recusa a admitir a possibilidade de estar errada. – É como se estivesse de luto.

– E talvez esteja mesmo – aproveitou Anne. – Pela noiva!

– A que ele matou? – perguntou Philomena.

– Ele não matou ninguém! – exclamou Olivia.

– Como você sabe? – perguntaram as três, em uníssono.

Olivia teria respondido, então lhe ocorreu que ela *não* sabia. Nunca vira o sujeito, sequer ouvira falar dele até aquele dia. Ainda assim, o bom senso falava mais alto. Matar a própria noiva era algo que se encaixava melhor naqueles romances góticos que Anne e Mary viviam lendo.

– Olivia? – chamou alguém.

Ela piscou, percebendo que seu silêncio havia durado um pouco mais do que devia.

– Não foi nada – falou, balançando a cabeça. – Só estava pensando.

– Em sir Harry... – retrucou Anne, com um leve toque de pretensão na voz.

– Não é como se eu tivesse tido a chance de pensar em qualquer outra coisa – resmungou Olivia.

– E no que você preferiria estar pensando? – perguntou Philomena.

Olivia abriu a boca e então notou que não tinha a menor ideia do que responder.

– Em qualquer coisa – disse, enfim. – Quase qualquer outra coisa.

Mas o assunto tinha atizado a curiosidade dela. E a curiosidade de Olivia Frances Bevelstoke era uma coisa deveras formidável.



A moça da casa em frente estava bisbilhotando outra vez. Já fazia uma semana que ela não parava de vigiá-lo. A princípio, Harry não dera muita atenção. Afinal, era filha do conde de Rudland, pelo amor de Deus, ou, no mínimo, alguma parenta – se fosse a empregada já teria sido demitida pelos longos períodos de tempo que passava à janela.

Também não era a governanta. O conde de Rudland tinha uma esposa, até onde Harry sabia, e nenhuma esposa permitiria em sua casa uma governanta tão bonita.

Só podia ser a filha. O que queria dizer que ele não tinha motivo para supor que ela era algo além de uma típica dama alcoviteira que não via mal em bisbilhotar os vizinhos. Só que já fazia *cinco dias* que ela bisbilhotava sem parar. Se estivesse curiosa apenas em relação ao corte dos paletós ou à cor dos cabelos dele, já teria concluído sua perícia.

Harry estava tentado a acenar. A forçar um imenso sorriso e acenar. Isso haveria de pôr um fim à bisbilhotice dela. O problema era que ele jamais saberia *por que* ela estava tão interessada.

O que era inaceitável. Harry nunca fora de tolerar um porquê sem resposta.

Sem contar que não estava *tão* próximo assim para enxergar a expressão com que ela reagiria e isso tirava todo o propósito de seu plano. Se pretendia constrangê-la, queria ver como deixaria transparecer. Senão, que graça teria?

Harry voltou a se sentar à escrivaninha, fingindo não saber que, por detrás das cortinas, ela o observava. Tinha trabalho a fazer e precisava parar de imaginar coisas sobre a loura na janela. Um mensageiro do Departamento de Guerra lhe entregara um documento bastante complexo naquela manhã e ele não podia perder mais tempo na tradução. Ao verter do russo para o inglês, Harry sempre seguia a mesma rotina – primeiro uma leitura

superficial para captar o contexto, depois uma leitura mais criteriosa, examinando o documento palavra por palavra. Só depois dessa análise minuciosa ele pegava a pena e começava a traduzir.

Era uma tarefa tediosa. *Ele* gostava, mas talvez porque sempre gostara de decifrar enigmas. Era capaz de passar horas e horas analisando um documento até que o sol caísse e ele se desse conta de que tinha passado o dia inteiro sem comer. Mas nem mesmo ele, que ficava tão encantado com a tarefa, conseguia se imaginar passando o dia *observando* alguém traduzir documentos.

No entanto, lá estava ela outra vez, à janela. Provavelmente se achando muito sagaz em sua espionagem e julgando que ele era um tapado de marca maior.

Ele sorriu. Ela não fazia ideia. Por mais que trabalhasse para o gabinete mais sem graça do Departamento de Guerra (aquele que lidava com palavras e papéis em vez de armas, facas e missões secretas), Harry era bem treinado. A maior parte dos dez anos que passara nas Forças Armadas tinha sido no continente, onde um olhar observador e uma sensibilidade aguçada para captar movimentos podiam fazer a diferença entre a vida e a morte.

Já percebera, por exemplo, que ela tinha o hábito de colocar as mechas do cabelo atrás da orelha. E, como às vezes fazia sua própria espionagem, também sabia que, quando ela soltava os fios – eram volumosos e inacreditavelmente brilhosos –, as pontas chegavam até o meio das costas.

Sabia que a camisola dela era azul. E, infelizmente, um tanto larga.

E também que ela não tinha o menor talento para ficar parada. Devia até achar que sim, porque não era de se remexer muito e sua postura era firme e ereta. Mas algo sempre a denunciava – um movimento mínimo da ponta dos dedos ou dos ombros quando ela inspirava.

Àquela altura, naturalmente, Harry não conseguia *não* notá-la.

Ficava se perguntando: qual parte de vê-lo debruçado sobre

resmas de papel era tão interessante? Porque ele tinha passado a semana inteira fazendo isso e nada mais.

Talvez ele pudesse deixar o espetáculo mais animado. Seria até misericordioso de sua parte. A dama devia estar morrendo de tédio.

Poderia subir na mesa e começar a cantar.

Comer alguma coisa e fingir estar engasgado. O que ela faria?

Aquele, sim, era um dilema moral interessante. Pousou a pena por um instante, pensando nas inúmeras damas da sociedade que já tivera oportunidade de conhecer. Harry não era um homem tão descrente assim; acreditava piamente que ao menos algumas fariam um esforço para salvá-lo. Mas duvidava que qualquer uma delas tivesse a capacidade atlética necessária para chegar lá a tempo.

De modo que era bom que tivesse muito cuidado ao mastigar.

Harry deu um longo suspiro e tentou se concentrar no trabalho. Durante todo o tempo que passara pensando na garota da janela, seus olhos permaneceram voltados para os papéis, mas não lera uma palavra sequer. Não tinha feito *nada* nos cinco últimos dias. Até poderia fechar as cortinas, mas seria óbvio demais. Ainda mais considerando que, ao meio-dia, o sol ia alto e brilhava.

Encarou o texto, incapaz de se concentrar. Ela ainda estava lá, observando-o, certa de que as cortinas a ocultavam.

Por que diabo ela o espionava?

Harry estava começando a não gostar nada daquilo. Era impossível que, daquela distância, ela conseguisse discernir no que ele estava trabalhando, e mesmo que pudesse, duvidada muito que ela soubesse ler cirílico. Ainda assim, aqueles documentos eram confidenciais, às vezes relacionados com questões de segurança nacional. Se fosse para alguém espioná-lo...

Ele balançou a cabeça. Se fosse para alguém espioná-lo, decerto não seria a filha do conde de Rudland, tenha a santa paciência.

E então, de repente, como por milagre, ela desapareceu.

Primeiro virou o rosto, erguendo o queixo meio centímetro, então se afastou. Ouvira um barulho, talvez alguém chamando. Harry não se importava. Só estava feliz porque ela finalmente fora embora. Precisava voltar ao trabalho.

Baixou os olhos, chegou ao meio da primeira página, até que...

– Bom dia, sir Harry!

Era Sebastian, em um tom claramente jocoso. Por que chamaria Harry de sir? Harry nem ergueu os olhos.

– Já está tarde.

– Não para quem acordou às onze.

Harry conteve um suspiro.

– Você não bateu.

– Nunca bato. – Sebastian se largou numa poltrona, sem nem se dar conta de que seus cabelos se esparramaram sobre seus olhos.

– O que está fazendo?

– Trabalhando.

– Você trabalha muito.

– Alguns de nós não têm títulos para herdar – observou Harry, tentando terminar ao menos uma frase antes que Sebastian exigisse toda a sua atenção.

– Talvez não – murmurou Sebastian. – Talvez sim.

Era verdade. Sebastian sempre fora o segundo na linha sucessória; seu tio, o conde de Newbury (que ainda achava Sebastian um completo imprestável, apesar de seus dez anos a serviço de Sua Majestade), tivera um único filho, Geoffrey, mas nunca vira motivo para se preocupar. Afinal, era muito improvável que Sebastian herdasse o título. Geoffrey tinha se casado enquanto Sebastian estava no Exército e a esposa dera à luz duas filhas, de modo que era questão de tempo até que tivesse um filho homem.

Só que Geoffrey pegara uma febre e morrera. Logo ficara claro que a viúva não estava grávida e que, portanto, não haveria nenhum herdeiro a caminho para salvar o condado daquele desastre chamado Sebastian Grey, de modo que o conde fora obrigado a

abandonar seus anos de viuvez e se encarregar da tarefa de produzir um novo herdeiro. Naquele momento ele varria toda a sociedade londrina em busca de uma esposa.

O que significava que ninguém sabia ao certo qual seria o destino de Sebastian. Das duas, uma: ou ele era um homem devastadoramente lindo e charmoso prestes a herdar um condado antigo e riquíssimo, o que o tornaria o melhor partido no mercado casamenteiro, ou era um homem devastadoramente lindo e charmoso prestes a herdar nada, tornando-o o pior pesadelo das matronas da sociedade.

Ainda assim, ele recebia convites para todas as festas. E, no que tangia à alta sociedade londrina, estava sempre a par de tudo.

E era por isso que Harry sabia que teria uma resposta precisa quando perguntou:

– O conde de Rudland tem uma filha?

Sebastian o olhou com uma expressão que poderia ser confundida com tédio, mas que Harry sabia significar “Seu tonto”.

– É claro – disse Sebastian.

A parte do “tonto” estava implícita, concluiu Harry.

– Por quê? – perguntou o primo.

Harry olhou de soslaio para a janela, embora ela não estivesse lá.

– Ela é loura?

– Bastante.

– Bonita?

Sebastian abriu um sorriso irônico.

– Mais do que bonita, de acordo com os padrões.

Harry franziu a testa. Por que diabo a filha de Rudland estava bisbilhotando tanto a vida dele?

Sebastian bocejou sem nem se dar o trabalho de tentar disfarçar, mesmo quando Harry lhe lançou um olhar enojado, e então disse:

– Algum motivo para esse interesse repentino?

Harry se virou, espiando a janela *dela*, que ele sabia ser a

terceira da esquerda para a direita no segundo andar.

– Ela está me vigiando.

– Lady Olivia Bevelstoke está vigiando você – repetiu Sebastian.

– Esse é o nome dela? – indagou Harry.

– Ela não está vigiando você.

Harry se virou para ele.

– Como é?

Sebastian deu de ombros de um jeito grosseiro.

– Lady Olivia Bevelstoke não precisa de você.

– Não foi isso que eu disse.

– Só no ano passado ela recebeu cinco pedidos de casamento, e teria recebido o dobro se não tivesse dissuadido vários outros cavalheiros antes que fizessem papel de trouxa.

– Para alguém que se diz tão desinteressado, você sabe muito sobre a vida alheia.

– Alguma vez falei que era desinteressado? – Pensativo, Sebastian coçou o queixo, num gesto afetado. – Mas que falsidade da minha parte.

Harry o encarou, então se levantou e foi até a janela, muito à vontade agora que lady Olivia tinha saído de lá.

– Está vendo algo interessante? – murmurou Sebastian.

Ignorando-o, Harry virou o rosto ligeiramente para a esquerda – não que isso melhorasse sua visão. Contudo, Olivia deixara a cortina mais aberta do que de costume, e se o vidro não estivesse refletindo os raios de sol, ele teria uma visão privilegiada do quarto dela. A melhor até então.

– Ela está lá? – perguntou Sebastian, com certo deboche na voz trêmula. – Está vigiando você *neste momento*?

Harry se virou para ele e, no mesmo instante, revirou os olhos ao ver Sebastian fazendo gestos curiosos com os dedos, como quem espanta uma assombração.

– Você é muito idiota – falou Harry.

– Um idiota bonitão – retrucou Sebastian, assumindo a mesma

postura relaxada de sempre. – E muito charmoso. O que me livra de várias encrencas!

Harry se voltou de novo para a janela, debruçando-se preguiçosamente no peitoril.

– Me diga, a que devo o prazer dessa visita?

– Estava com saudade da sua companhia – retrucou o primo.

Harry aguardou pacientemente.

– E porque preciso de dinheiro? – arriscou Sebastian.

– Mais provável, mas sei por fontes fidedignas que você arrancou uns 100 contos de Winterhoe no jogo terça passada.

– E você ainda diz que não acompanha as fofocas...

Harry deu de ombros. Prestava atenção no que lhe convinha.

– Para seu governo, foram 200 contos. Teria sido mais, se o irmão de Winterhoe não tivesse aparecido e o levado embora.

Harry não disse nada. Não nutria nenhum afeto por Winterhoe e seu irmão, mas não podia deixar de se compadecer.

– Sinto muito – falou Sebastian, interpretando o silêncio de Harry corretamente. – Como vai o fedelho?

Harry olhou para o teto. O irmão mais novo, Edward, ainda estava na cama, talvez se curando de algum excesso cometido na noite anterior.

– Ainda me odeia – disse, e deu de ombros. Harry se mudara para Londres com o único objetivo de vigiar o caçula, e Edward odiava ter que se curvar à autoridade dele. – Vai passar.

– Ele tem chamado você de malvado ou só de velho mesmo?

Harry sentiu um sorriso começando a nascer.

– Velho, eu acho.

Sebastian, praticamente deitado na poltrona, deu de ombros.

– Eu preferiria ser malvado – comentou.

– Há quem diga que, nesse aspecto, você não tem com o que se preocupar – resmungou Harry.

– Ora, ora, sir Harry – repreendeu Sebastian. – Nunca deflorei uma dama inocente.

Harry assentiu. Contrariando as aparências, Sebastian tinha um código de ética. Não era chancelado pela maioria das pessoas, mas existia. E se Sebastian tinha, algum dia, seduzido uma virgem, não fora de propósito.

– Ouvi dizer que na semana passada você deu uma surra em um sujeito – comentou Sebastian.

Harry balançou a cabeça, enojado.

– Ele vai ficar bem.

– Não foi isso que eu perguntei.

Harry deu as costas para a janela, encarando Sebastian ao dizer:

– Na verdade, você não perguntou nada.

– Pois bem – disse Sebastian. – Por que você bateu no moleque?

– Não foi bem assim – corrigiu Harry, irritadiço.

– Dizem que você o deixou inconsciente.

– Essa *proeza* ele conseguiu sozinho. – Harry pareceu enojado outra vez. – Ele estava completamente bêbado. Eu apenas lhe dei um soco na cara. Na pior das hipóteses, acelerei em meros dez minutos o desmaio dele.

– Não é do seu feitio bater em um homem sem ser provocado – falou Sebastian, em voz baixa –, mesmo um que esteja bêbado.

Harry trincou os dentes. Não se orgulhava do episódio, mas ao mesmo tempo não conseguia se arrepender.

– Ele estava importunando uma pessoa – falou, entre dentes.

Como Sebastian o conhecia bem o suficiente para saber que o primo não diria mais nada, apenas aquiesceu, pensativo, e suspirou.

Harry interpretou isso como uma decisão de deixar o assunto de lado, então caminhou de volta para a escrivaninha, lançando um olhar de soslaio para a janela.

– Ela está lá? – perguntou Sebastian, de repente.

Harry nem tentou se fazer de desentendido.

– Não.

Voltou a se sentar diante do documento russo, procurando o ponto onde tinha parado.

– E *agora*?

A coisa estava ficando tediosa com uma rapidez impressionante.

– Seb...

– E agora?

– *O que* você veio fazer aqui?

Sebastian se endireitou um pouco na poltrona.

– Preciso que você vá ao concerto das Smythe-Smiths na quinta-feira.

– Por quê?

– Prometi a uma pessoa que eu iria e...

– A quem você prometeu?

– Não importa.

– Para mim importa, se eu for mesmo forçado a comparecer.

Sebastian ruborizou de leve, um ocorrido tão divertido quanto raro.

– Está bem, prometi à minha avó. Ela me encurralou na semana passada.

Harry grunhiu. Se fosse qualquer outra mulher, ele teria se safado. Mas uma promessa feita à avó... tinha que ser cumprida.

– Então você vai comigo? – perguntou Sebastian.

– Vou – respondeu Harry, suspirando.

Harry odiava aqueles eventos, mas pelo menos em um concerto não precisaria passar a noite inteira interagindo com os outros. Ele ia poder sentar em algum lugar, ficar calado e, se aparentasse tédio, bem, estaria igual a todas as outras pessoas.

– Formidável. Então eu vou...

– Espere um instante. – Harry o encarou com suspeita. – Por que você precisa de *mim*? – Afinal, Sebastian tinha autoconfiança de sobra.

Sebastian se remexeu na poltrona, desconfortável.

– Acho que meu tio vai estar lá.

– E desde quando você tem medo dele?

– Não tenho. – O semblante de Seb transparecia a mais pura repulsa. – Mas vovó com certeza vai tentar consertar as coisas entre nós dois e... ora, pelo amor de Deus, não importa, não é mesmo? Você vai ou não?

– Claro que vou.

Isso nunca estivera em questão, é claro. Sempre que Sebastian precisasse dele, Harry compareceria.

O primo se levantou. O mínimo traço de desconforto havia desaparecido, deixando em seu lugar o ar despreocupado de sempre.

– Estou lhe devendo uma.

– Já perdi a conta.

Seb riu, e falou:

– Vou acordar o fedelho para você. Até eu acho um disparate estar na cama a uma hora dessas.

– Fique à vontade. Você é a única coisa que Edward respeita em mim.

– Respeita?

– Admira – corrigiu Harry.

Mais de uma vez, Edward expressara incredulidade diante do fato de que o irmão – que ele achava tedioso até dizer chega – fosse amigo tão próximo de Sebastian, a quem ele vivia tentando imitar.

Sebastian se deteve diante da porta.

– O café da manhã ainda está servido?

– Dê o fora daqui – falou Harry. – E feche a porta!

Sebastian obedeceu, mas sua risada seguiu ecoando pela casa. Harry estacou os dedos e olhou para os documentos em russo na escrivaninha, ainda intocados. Só tinha dois dias para completar a missão. Graças a Deus a garota – lady Olivia – tinha saído da janela.

Ao pensar nela, Harry olhou para a casa vizinha, mas sem o

cuidado desmedido de sempre, pois sabia que ela não estaria lá.

Só que ela estava.

E, dessa vez, ela com certeza sabia que ele a vira.

Capítulo dois

Olivia se atirou no chão, com o coração na boca. Ele a vira. Definitivamente a vira. Deu para notar nos olhos dele, no movimento claro do rosto. Meu Deus, como iria se explicar? Mocinhas bem-nascidas não ficavam espiando os vizinhos. Fofocavam, analisavam o corte dos paletós e a qualidade da carruagem deles, mas não ficavam *espiando* pela janela – definitivamente, não.

Mesmo se o referido vizinho fosse suspeito de assassinato. Algo em que Olivia não conseguia acreditar.

Contudo, era óbvio que sir Harry Valentine estava aprontando alguma. Seu comportamento naquela semana não tinha sido nada normal. Não que Olivia soubesse o que era normal nos padrões *dele*, mas tinha dois irmãos. Sabia o que os homens faziam em seus escritórios e gabinetes.

Sabia, por exemplo, que eles, em geral, não *usavam* seus escritórios e gabinetes, pelo menos não durante dez horas por dia, como sir Harry vinha fazendo.

E sabia que, quando iam, de fato, para o escritório, em geral era para evitar instâncias da persuasão feminina, e não, como era o caso de sir Harry, para ficar o tempo inteiro examinando atentamente papéis e documentos.

Olivia teria dado um dedo da mão, e talvez um ou dois do pé, para saber o que havia naqueles papéis. Dia após dia, ele seguia

sentado à escrivaninha, debruçado sobre os documentos. Às vezes parecia estar copiando os textos.

Mas não fazia sentido. Homens como sir Harry tinham assistentes e tudo mais.

Ainda com o coração acelerado, Olivia olhou para cima, analisando a própria situação. Não que olhar para cima fosse de grande serventia: a janela estava bem acima dela e era natural que ela fosse...

– Não, não, não se mexa.

Olivia grunhiu. Winston, seu irmão gêmeo (ou seu irmão mais novo por precisamente três minutos, como ela preferia pensar), estava parado à porta. Ou melhor, estava apoiado casualmente no batente, esforçando-se para cumprir seu atual objetivo de vida e parecer o mais encantador e intrépido possível.

Por mais que a frase não fosse brilhante, parecia descrevê-lo de forma bem precisa. Winston usava os cabelos louros desalinhados com muito esmero, um lenço amarrado com perfeição e botas feitas pelo melhor artesão francês, mas qualquer um que tivesse um pingote de bom senso notava que ele ainda cheirava a leite. Olivia jamais entenderia por que, na presença dele, todas as amigas ficavam abobalhadas e com o olhar perdido.

– Winston – disse ela, por entre dentes, incapaz de pronunciar mais nada.

– Fique aí – ordenou ele, gesticulando com a palma virada para ela. – Só mais um instante. Estou tentando guardar essa imagem na memória para sempre.

Olivia fez uma careta amarga e, com cuidado, foi engatinhando, colada à parede, para longe da janela.

– Vamos ver se adivinho – falou ele. – Bolhas em ambos os pés. – Ela o ignorou. – Você está escrevendo uma peça teatral com Mary Cadogan e seu papel é o de uma ovelha.

Ele nunca merecera tanto uma resposta atravessada, mas Olivia infelizmente nunca se encontrara em posição pior para pensar em

uma.

– Se soubesse – prosseguiu –, teria trazido meu chicote.

Ela estava *quase* perto o bastante para morder a perna dele.

– Winston?

– Sim?

– Cale a boca.

Ele deu uma risada.

– Eu vou matar você – anunciou Olivia, levantando-se.

Tinha engatinhado metade do quarto. Provavelmente já estava fora do raio de visão de sir Harry.

– Usando os cascos?

– Ah, pare com isso – falou ela, exasperada, e então percebeu que ele estava entrando no quarto.

– Saia de perto da janela!

Winston estacou, então olhou para ela com as sobrancelhas erguidas.

– Volte para cá – falou Olivia. – Isso mesmo. Devagar, bem devagar.

Ele fez menção de seguir em direção à janela. O coração dela deu um solavanco.

– Winston!

– Francamente, Olivia – falou ele, virando-se e colocando as mãos na cintura. – O que está acontecendo? – indagou.

Ela engoliu em seco. Teria que dizer *alguma coisa* a ele. Ele a flagrara engatinhando pelo quarto feito uma idiota. Certamente ia querer alguma explicação. Deus sabe que, se fosse o contrário, ela faria o mesmo.

Mas talvez não tivesse que contar a verdade. Decerto haveria outra explicação plausível para aquele comportamento.

*Motivos para eu estar engatinhando
e que TAMBÉM expliquem a necessidade de evitar a*

janela

Mas não. Não lhe ocorreu nada.

– É o vizinho – falou Olivia, recorrendo à verdade uma vez que, dada sua posição, não tinha outra escolha.

Winston se virou para a janela. Bem lentamente, com o máximo de sarcasmo que o movimento era capaz de transmitir.

O que, Olivia precisava admitir, era um espetáculo e tanto quando realizado por um Bevelstoke.

– Nosso vizinho – repetiu ele. – Mas nós temos vizinho?

– Sir Harry Valentine. Ele alugou a casa enquanto você estava em Gloucestershire.

Winston assentiu, devagar.

– E a presença dele em Mayfair faz você engatinhar exatamente porque...

– Eu o estava espiando.

– Sir Harry.

– É.

– De joelhos.

– Claro que não. Mas ele me flagrou e...

– E agora está lá achando que você é uma lunática.

– Sim. *Não!* Sei lá. – Olivia bufou, furiosa. – Não faço ideia do que se passa na cabeça dele.

Winston ergueu a sobrancelha.

– Ao contrário do que se passa nos aposentos dele, que você...

– É o *escritório* dele – cortou ela, irritada.

– Que você sentiu a necessidade de espionar porque...

– Porque Anne e Mary disseram que... – Olivia se deteve, sabendo muito bem que, se dissesse por que estava espionando sir Harry, sentiria ainda mais vergonha do que antes.

– Ah, não, não pare agora – implorou Winston, secamente. – Se Anne e Mary disseram, eu *definitivamente* quero ouvir.

Olivia contraiu a boca e assumiu uma expressão direta.

– Está bem. Só que você não pode contar para ninguém.

– Eu faço *questão* de nunca contar nada do que elas dizem – respondeu ele, sincero.

– *Winston*.

– Não vou dizer uma palavra. – Ele ergueu as mãos, num gesto de rendição.

Olivia aquiesceu em resposta, complementando:

– Porque nem é verdade.

– Essa parte eu já sabia, considerando a fonte.

– Win...

– Ah, Olivia, faça-me o favor. Você sabe muito bem que não se deve confiar em absolutamente nada do que aquelas duas dizem.

Ela sentiu uma ligeira necessidade de defender as amigas.

– Não são pessoas ruins.

– Não mesmo – concordou ele –, só incapazes de distinguir realidade e ficção.

Ele tinha razão, mas, mesmo assim, elas eram amigas de Olivia, e *ele* era um chato de galochas, de modo que ela se recusava a admitir que estava certo. Assim, ignorou por completo a declaração dele e prosseguiu:

– Estou falando muito sério, Winston. Isso tem que ficar em segredo.

– Você tem a minha palavra – disse ele, parecendo quase entediado com toda aquela história.

– O que eu vou dizer aqui neste quarto...

– Fica neste quarto – completou ele. – Olivia...

– Está bem. Anne e Mary me falaram que ouviram por aí que sir Harry matou a própria noiva... Não, não me interrompa, eu também não acredito... mas então comecei a pensar, sabe? Sobre como um rumor desses começa.

– Começa com Anne Buxton e Mary Cadogan – retrucou Winston.

– Elas nunca começaram rumores – falou Olivia. – Elas só reproduziram.

– Uma diferença brutal.

Olivia também achava, mas não era hora nem lugar para concordar com o irmão.

– Bem, nós *sabemos* que ele tem pavio curto – prosseguiu.

– Sabemos? Por quê?

– Você não ouviu falar do ocorrido com Julian Prentice?

– Ah, aquilo? – Ele revirou os olhos.

– Como assim?

– Ele mal encostou em Julian. Julian estava tão bêbado que uma lufada mais forte de ar o teria derrubado no chão.

– Mas sir Harry *bateu* nele.

– Creio que sim – falou Winston, gesticulando com a mão.

– Por quê?

Ele deu de ombros e cruzou os braços.

– Na verdade, ninguém sabe direito. Ou pelo menos ninguém disse nada. Mas espere aí. Um instante... o que essa história toda tem a ver com você?

– Eu estava curiosa – admitiu ela.

Parecia ridículo, mas era verdade. E ela não tinha como passar *mais* vergonha do que já passara naquela tarde.

– Curiosa em relação a quê?

– A ele. – Olivia meneou a cabeça em direção à janela. – Eu nem sabia qual era a aparência dele. E *eu sei* – enfatizou ela, antes que ele verbalizasse o argumento que ela já via se formando em seu semblante –, eu sei que a aparência dele não é nenhum indicador de que ele não tenha matado alguém, mas não consegui me conter. Ele mora aqui em frente.

Ele cruzou os braços.

– E você está com medo que ele apareça aqui para cortar sua garganta?

– Winston!

– Vai me desculpar, Olivia – falou ele, rindo –, mas você precisa admitir que isso é a coisa mais absurda...

– Aí é que está – comentou ela, com sinceridade. – Não é tão absurda assim. Eu também achava que era. Então comecei a observá-lo, e pode acreditar, Winston, tem algo de muito peculiar naquele homem.

– O que você concluiu nas últimas... – Winston franziu a testa. – Há quanto tempo mesmo você está espionando o sujeito?

– Cinco dias.

– Cinco *dias*? – A expressão de aristocrata entediado de Winston deu lugar a uma incredulidade boquiaberta. – Meu Deus, Olivia, você não tem nada mais interessante para fazer?

Ela tentou não parecer constrangida e disse:

– Aparentemente, não.

– E ele não viu você? Nesse tempo todo?

– Não – mentiu ela, de forma bastante natural. – E nem quero que veja. Era por isso que eu estava engatinhando para longe da janela.

Winston olhou para a janela. Depois, voltou-se para a irmã, balançando a cabeça devagar em sinal de profundo ceticismo.

– Pois bem. E o que você descobriu a respeito da vida do nosso novo vizinho?

Olivia aninhou-se numa poltrona perto da parede dos fundos, surpresa ao constatar quanto queria compartilhar as descobertas com ele.

– *Bem...* Na maior parte do tempo, ele parece bem normal.

– Estou chocado.

Ela fez uma cara feia.

– Quer que eu conte ou não, Winston? Porque eu não vou falar mais nada se você continuar zombando de mim.

Ele pediu que ela prosseguisse com um gesto claramente sarcástico.

– Ele passa uma quantidade absurda de tempo à escrivania.

Winston assentiu, dizendo:

– Um sinal certo de que tem intenções assassinas.

– Quando foi a última vez que você se sentou à sua? – retrucou ela.

– Tem razão.

– Além do mais – continuou ela, com considerável ênfase –, acho que ele é afeito a disfarces.

Isso chamou a atenção dele.

– Disfarces?

– Sim. Às vezes ele usa óculos, às vezes não. E por duas vezes já o vi usando um chapéu bastante peculiar. Dentro de casa.

– Não acredito que estou dando ouvidos a isso – declarou Winston.

– Quem usa chapéu dentro de casa?

– Você ficou maluca. É a única explicação.

– Além disso, ele só se veste de preto. – Olivia lembrou-se então do comentário de Anne alguns dias antes. – Ou azul-escuro. Não que isso seja *tão* suspeito assim.

Olivia acrescentou esta última parte porque, falando a verdade, se estivesse ouvindo aquelas palavras, também acharia a pessoa uma idiota. Falando assim tão objetivamente, toda aquela empreitada parecia bastante fútil.

Ela suspirou.

– Sei que parece ridículo, mas eu ainda acho que tem algo errado com aquele sujeito.

Winston a encarou durante alguns minutos, e então disse:

– Olivia, você tem muito tempo livre. Por outro lado...

Ela sabia que Winston havia se interrompido de propósito, mas também sabia que não seria capaz de suportar a própria curiosidade.

– Por outro lado o quê? – resmungou ela.

– Bem, devo dizer que tudo isso demonstra uma tenacidade que não lhe é muito característica.

– O que está insinuando? – exigiu ela.

Ele lhe lançou um olhar condescendente como só um irmão é capaz de dar.

– Você tem que admitir que não têm lá a fama de levar os projetos até o fim.

– Isso não é verdade!

Winston cruzou os braços.

– E aquele modelo da catedral de St. Paul que você estava construindo?

Ela ficou boquiaberta, completamente atônita. Não estava *acreditando* que ele tinha usado aquele exemplo.

– O *cachorro* derrubou!

– Talvez você se lembre de certa promessa de escrever toda semana à vovó...

– Bem, nesse aspecto você é pior que eu.

– Ah, mas eu nunca prometi regularidade. Também nunca comecei a fazer pintura a óleo e a tocar violino.

Olivia cerrou os punhos com força. E daí que ela não tinha feito mais do que seis aulas de pintura e de violino? Ela era péssima nas duas coisas. Quem é que gosta de insistir em uma atividade para a qual não tem um pingão de talento?

– Estávamos falando de sir Harry – reclamou ela.

Winston abriu um leve sorriso.

– De fato.

Ela o encarou. Intensamente. Winston ainda estava com aquela expressão no rosto – um pouco arrogante, bastante irritante. Estava adorando vê-la irritada.

– Pois bem. – Mas, de repente, o irmão se mostrou mais solícito.

– Então me diga, o que é esse “algo errado” que há com sir Harry Valentine?

Ela aguardou um pouco, e então argumentou:

– Por duas vezes eu o vi atirando resmas e resmas de papel na lareira.

– Por duas vezes eu mesmo me vi fazendo a mesmíssima coisa
– retrucou Winston. – O que mais você quer que a pessoa faça com um monte de papel que precisa ser descartado? Olivia, você...

– Era o *jeito* como ele lançava o papel no fogo, Winston.

Winston a olhou como se pretendesse responder mas não conseguisse encontrar palavras.

– Ele atirou tudo na lareira – falou ela. – Às pressas! Com *muita* urgência.

Winston começou a balançar a cabeça.

– E então ele olhou por cima do ombro como se alguém...

– Bom, você *estava mesmo* vigiando o sujeito, oras.

– Não me interrompa – disse ela, irritada, e então, sem nem parar para respirar, prosseguiu: – Ele olhou por cima do ombro como se estivesse ouvindo passos no corredor.

– Vamos ver se eu adivinho... Alguém *estava* caminhando no corredor.

– É! – falou ela, animada. – O mordomo dele entrou no momento *exato*. Pelo menos eu acho que era o mordomo. Enfim, era alguém.

Winston lançou um olhar severo à irmã.

– E da outra vez?

– Que outra vez?

– A outra vez que ele queimou os papéis.

– Ah, isso – falou ela. – Bem, na verdade, a outra vez foi bem normal.

Winston a encarou durante um tempo, e então falou:

– Olivia, você tem que parar de espionar o sujeito.

– Mas...

Ele ergueu a mão, interrompendo-a:

– Não sei o que você anda pensando de sir Harry, mas posso assegurá-la de que está errada.

– Eu também já o vi enfiando dinheiro em uma bolsa.

– Olivia, eu *conheço* sir Harry Valentine. Ele é uma pessoa como qualquer outra.

– Você o *conhece*?

E ainda assim havia deixado que ela tagarelasse como idiota? Ela queria matar o tratante.

Formas como eu gostaria de matar meu irmão, Parte 16 por Olivia Bevelstoke

Não. De que adiantaria? Ela com certeza seria incapaz de superar a Parte 15, que incluía vivissecção e um javali selvagem.

– Bem, na verdade, eu não o conheço – corrigiu Winston. – Mas conheço o irmão dele. Estudamos juntos na universidade. E eu conheço a reputação de sir Harry. Se anda queimando papéis, deve ser só para limpar a mesa.

– E o chapéu? – pressionou Olivia. – Winston, tinha *plumas*. – Olivia fez gestos extravagantes no ar, tentando retratar tamanha monstruosidade. – Plumas e mais plumas!

– Isso eu não consigo explicar. – O irmão deu de ombros, e então sorriu. – Mas adoraria ver pessoalmente.

Ela fez uma careta para ele, a reação menos infantil que lhe ocorreu.

– Além do mais – prosseguiu ele, cruzando os braços –, ele não tem noiva.

– Bem, sim, mas...

– Ele nunca teve uma noiva.

Isso endossava o que Olivia pensara quando afirmou sua descrença diante dos rumores, mas era bem irritante que Winston tivesse apresentado a prova final. Se é que era *mesmo* uma prova, pois Winston não era nenhum especialista em sir Harry Valentine.

– Ah, a propósito – retomou Winston, numa nota excessivamente casual –, presumo que nossos pais não estejam sabendo das suas aventuras investigativas.

Aquele maldito tratante.

– Você prometeu que não ia contar nada – acusou Olivia.

– Eu prometi que não contaria nada sobre essas fofocas nefastas de Mary Cadogan e Anne Buxton. Não falei nada sobre essa sua insanidade particular.

– O que você quer, Winston? – resmungou Olivia em voz alta.

Ele olhou bem nos olhos da irmã.

– Eu vou ficar doente na quinta-feira. *Não me contradiga.*

Olivia repassou o calendário social em sua mente. Quinta-feira... Quinta-feira... *o concerto das Smythe-Smiths.*

– Ah, não, não se atreva! – exclamou ela, saltando para cima dele.

Ele desviou dela.

– São os meus pobres ouvidos sensíveis, sabe?

Olivia se esforçou para pensar numa resposta à altura, mas, para sua decepção, o melhor que conseguiu dizer foi:

– Seu... seu...

– Ah, se eu fosse você, não faria ameaças.

– Se eu tenho que ir, você também tem.

Ele abriu um sorrisinho.

– É curioso, mas parece que o mundo nunca funciona assim, não é mesmo?

– Winston!

Ele ainda gargalhava ao deixar o cômodo.

Olivia permitiu-se um ínfimo momento de irritação até decidir que ela *preferia* ir ao concerto das Smythe-Smiths sem o irmão. Só queria que ele fosse para vê-lo sofrer, e sabia que podia encontrar outras formas de atingir esse objetivo. Além do mais, se forçado a passar a apresentação inteira sentado, Winston certamente iria se entreter torturando Olivia. No ano anterior ele tinha conseguido furar o vestido dela nas costelas, e no ano antes disso...

Bem, basta dizer que a vingança de Olivia envolvera um ovo podre e três de suas amigas, todas convencidas de que Winston

estava perdidamente apaixonado por elas, e ainda assim ela achava que não respondera à altura.

Então era mesmo melhor que ele não fosse. Naquele momento, tinha preocupações muito mais urgentes do que o irmão gêmeo.

Com a testa franzida, voltou a atenção para a janela do quarto. Estava fechada, é claro; o tempo não estava agradável a ponto de encorajar o ar fresco dentro de casa. Mas as cortinas estavam abertas e o vidro a atraía, provocando-a. De onde estava, só conseguia ver a parede de tijolos e, no máximo, um trechinho ínfimo de vidro de uma janela – que não era a do escritório dele. Se ela se contorcesse um pouquinho. E se a claridade não estivesse refletida no vidro...

Estreitou os olhos.

Arrastou a cadeira um pouco mais para a direita, tentando evitar a claridade.

Esticou o pescoço.

E então, antes de ter a chance de pensar melhor, voltou a ficar agachada, esticando o pé esquerdo para fechar a porta do quarto.

A última coisa que queria era que Winston a flagrasse naquela situação outra vez.

Olivia avançou devagar, perguntando-se o que estava fazendo – francamente, ia apenas se levantar ao chegar à janela como quem diz “Ah, eu caí, mas agora já me levantei”?

Faria *muito* sentido.

E foi então que ela pensou: no calor do momento, Olivia se esquecera de que sir Harry devia estar se perguntando por que ela caíra. Ele a vira, disso ela tinha certeza, e então ela se atirara.

No chão. Não tinha saído andando – ela caíra no chão. Que nem uma pedra.

Será que ele estava olhando para a janela dela naquele exato momento, perguntando-se o que raios acontecera com ela? Será que imaginava um possível mal-estar? Chegaria ao ponto de ir à casa dela perguntar se estava bem?

O coração de Olivia começou a bater mais forte. Ela não conseguiria suportar tamanho constrangimento. Winston passaria a semana inteira gargalhando.

Não, não, ela garantiu a si mesma, ele não acharia mal-estar coisa nenhuma. Provavelmente estava pensando que ela era uma desastrada. Só isso. O que significava que ela teria que se levantar e andar pelo quarto, numa demonstração ostensiva de plena saúde.

E talvez devesse acenar, já que sabia que ele sabia que ela sabia que ele a tinha visto.

Hesitou, repassando a frase anterior. Quantos “sabia” dissera, mesmo?

Em todo caso, era a primeira vez que ele a via à janela. Não fazia ideia de que ela passara cinco dias o observando. Disso ela tinha certeza. Então ele não tinha nenhum motivo para suspeitar.

Estavam em Londres, ora essa. A cidade mais populosa da Grã-Bretanha. As pessoas se viam na janela o tempo todo. A única coisa suspeita naquela circunstância era que ela tinha se portado de forma estapafúrdia e não o cumprimentara.

Teria que acenar. Teria que acenar e sorrir como quem diz: *Mas que engraçado, não?*

Isso ela podia fazer. Às vezes, parecia que sua vida consistia unicamente em acenar, sorrir e fingir que tudo era muito engraçado. Ela sabia se portar em qualquer situação social, e o que era aquele incidente senão uma situação social, ainda que bastante atípica?

Esse era o terreno em que Olivia Bevelstoke brilhava.

Ela se arrastou para o outro lado do quarto para se levantar fora da vista dele. E então, como se nada estivesse acontecendo, ela iria até a janela, caminhando em paralelo ao muro exterior, absortíssima em uma coisa qualquer à sua frente, porque não estaria fazendo nada além de cuidar da própria vida em seu próprio quarto.

No momento certo, ela se viraria para o lado, como se tivesse ouvido um passarinho chilreando, ou talvez um esquilo, e daria uma olhadela pela janela, porque era isso que aconteceria *normalmente*

numa situação daquelas, e, quando visse o vizinho, abriria um leve sorriso, cumprimentando-o. Seus olhos deixariam transparecer apenas uma tênue fagulha de surpresa e ela acenaria.

E foi isso que ela fez. À perfeição. Só que para a pessoa errada. De modo que agora o mordomo devia pensar que ela era uma completa desvairada.